

Variedade de jogos incentiva o gosto das crianças por esporte

Introdução de novos esportes abre o horizonte de jovens que não gostam das recreações escolares tradicionais

Reportagem de NAYARA REYNAUD



Foto: Nelson Siqueira (Reprodução)

Crianças jogam hóquei sobre a grama, no Rio de Janeiro

O esporte na infância e adolescência contribui para o desenvolvimento de adultos saudáveis e sociáveis. Essa é uma afirmação constantemente veiculada na mídia e tem, sim, sua razão. O professor da Escola Superior de Educação Física da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Dr. Rogério da Cunha Voser, afirma que o esporte traz benefícios biológicos, motores, sociais e psicológicos, a exemplo da melhora de autoestima. Além disso, ele frisa os aspectos educacionais advindos da prática esportiva, como “disciplina; respeito às regras, aos colegas e a si próprio; busca de objetivos e dedicação; saber perder e lidar com as frustrações, mas, principalmente, saber ganhar”.

Mas o que fazer quando os estudantes não gostam dos jogos tradicionalmente dados nas escolas, como futebol, basquete, vôlei e handebol? Uma solução interessante é introduzir a prática de esportes diferentes, não tão conhecidos aqui no Brasil ou que foram esquecidos com o passar do tempo. Alguns exemplos são badminton, flag football, base 4, dodgeball, tchoukball (*mais informações destes jogos nos boxes desta e das páginas seguintes*), taco e carrinho de rolimã. De acordo com o Dr. Rogério Voser, quanto mais diversificadas forem as experiências esportivas, “mais positivas serão para as crianças”.

Variedade esportiva nas escolas

O futebol é o esporte mais popular do Brasil. Mas popularidade não quer dizer unanimidade. Foi isso que o professor de Educação Física, Renato Carvalheiro, percebeu logo que começou a dar aulas em escolas de ensino fundamental e médio. “Não ia vingar eu ficar batendo no futsal ou esportes tradicionais, com turmas que não queriam saber disso. Cada um tem uma determinada habilidade. Se você insiste, pode agradar dez, mas os outros dez ficarão insatisfeitos”, declara o professor, formado há sete anos.

Diagnosticado o problema, ele começou, ainda como estudante, a pesquisar esportes novos ou desconhecidos no país, fazendo cursos para se aperfeiçoar. O primeiro que participou foi o de flag football, um futebol americano adaptado. Ele introduziu o jogo nas



Dodgeball

O jogo

É a variante norte-americana da nossa Queimada, na qual cada uma das duas equipes ocupa um lado da quadra e tem por objetivo “queimar” os adversários. Para isso, deve acertar a bola no corpo dele, sem que nenhum jogador do outro time recupere a bola antes que ela caia no chão. A diferença do dodgeball para a queimada brasileira é a possibilidade do jogador que foi eliminado voltar, se algum companheiro da sua equipe agarrar ainda no ar a bola arremessada pelo adversário. O jogo termina quando todos os jogadores de um time forem “queimados”.

Curiosidades

- O esporte foi retratado no filme “Com a Bola Toda”, de 2004;
- É um esporte que sofre diversas variações quanto à quadra, número de jogadores e de bolas, determinação de regras ou denominações; por isso, recebe vários nomes: Cemitério, Baleado (Bahia), Mata-Mata (Santa Catarina), Carimba (Ceará), etc.



Tchoukball

História

Criado pelo médico suíço Dr. Hermann Brandt, em 1971, ao perceber o grande número de lesões apresentadas pelos atletas durante os jogos. Sua intenção era desenvolver um esporte em que não haja o contato físico, para evitar agressões e permitir que todas as pessoas, independente de idade, possam praticá-lo.

O jogo

Duas equipes, geralmente com nove jogadores, têm o objetivo de arremessar a bola nos quadros de remissão (camas elásticas inclinadas), localizados nos extremos da quadra, de modo com que ela caia no chão para, assim, marcar o ponto. O time adversário não pode interceptar os passes; só recupera-se a posse da bola, agarrando-a após ser ricocheteada do quadro de remissão e antes que ela toque o chão.

Curiosidades

- *Tchouk* é o barulho da bola na cama elástica e *ball* significa bola em inglês;
- Assemelha-se ao handebol e à pelota basca;
- Terceiro esporte mais praticado em Taiwan;
- Pode ser praticado na areia, uma variação brasileira do esporte.

Mais informações

Associação Brasileira de Tchoukball - ABTB
Rua Valdemar Martins, 116 ap. 74^a - Parque Peruche - São Paulo - SP - 02535-000
<http://www.tekokatu.com.br>



Flag Football

O jogo

Versão "light" do futebol americano, criada com dois intuitos: diminuir o contato físico entre os jogadores, pois, em vez de parar a jogada derrubando o adversário, retira-se a bandeira (em inglês, *flag*) dele para retomar a posse de bola; e baratear os custos, porque os equipamentos de proteção são extremamente caros. O objetivo do jogo é, por meio de passes, alcançar a linha final do campo adversário para fazer o *touchdown* e marcar os pontos.

Mais informações

Liga Paulista de Futebol Americano
<http://www.lpfa.com.br>

aulas de Educação Física e a receptividade dos alunos foi excelente. “A partir do momento que você coloca uma coisa diferente e a turma acha legal, o que você tem na cabeça: ‘preciso procurar mais!’”. Foi exatamente isso que o professor fez, incluindo base 4 e badminton, por exemplo, no currículo escolar.

Neste ano, ele introduziu dois novos esportes no colégio em que trabalha. Um deles é o tchoukball, em que não há contato físico entre os jogadores. O jogo de origem suíça também foi incluído nas aulas de Educação Física do segundo ano do ensino médio das escolas estaduais de São Paulo, além do rúgbi, baseball, frisbee e badminton.

A outra novidade para os alunos do professor Renato foi o dodgeball, espécie de queimada (jogo comum no ambiente escolar), mas em que há a possibilidade do jogador eliminado voltar, se alguém da sua equipe recuperar a bola do time adversário no ar. Segundo ele, isso permite que todos possam participar mais ativamente durante toda a partida. Assim como os estudantes gostaram do tchoukball, a resposta do dodgeball foi surpreendente. “O sexto ano da tarde aceitou muito bem o jogo. Eu pedi para eles pesquisarem, sem valer nota nenhuma, e eles trouxeram a pesquisa por escrito e discutiram as regras comigo”, relembra o mestre orgulhoso.

Renato Carvalheiro acredita que um dos maiores benefícios do esporte para a educação infantil e juvenil é respeitar a dificuldade dos outros, pois é comum os membros de uma equipe ajudarem aquele companheiro que não consegue fazer algo. E os jovens que não tem habilidade no futebol ou em outros desportos tradicionais melhoram sua autoestima quando percebem que podem jogar bem em outros esportes, porque estes exigem suas melhores aptidões. “Quando você introduz, é legal; eles querem participar de campeonatos. (...) Depois dá uma caída”, conta o educador, explicando que a falta de locais para praticar tais jogos desmotiva os estudantes com o passar do tempo.

“Nem sempre precisa do material certo para praticar um esporte diferente. Tudo você pode adaptar”, ressalta o professor que utiliza os coletes de jogo como as bandeiras a serem retiradas no flag, já que as originais importadas custam cerca de duzentos reais. No tchoukball, em vez da cama elástica de mil reais, ele adaptou um minigol, pois suas redes exercem o mesmo efeito quando a bola é arremessada sobre elas. “E isso toma tempo, porque você não vai ter todas as ideias no mesmo momento. Então, precisa estudar o assunto”, afirma Renato, creditando a isso o fato de muitos professores de Educação Física se acomodarem e darem o básico (o chamado “soltar a bola”): futebol para os meninos e vôlei ou handebol para as meninas. Segundo ele, esse comportamento contribuiu para o preconceito com o futebol feminino, por exemplo, além de criar crianças que odeiam esportes.

Uma raquete e uma peteca

Amante de esporte, o consultor Hugo Vega, 42, foi recomendado por um tenista a jogar badminton assim que se mudou para São Paulo, pois o esporte poderia ser praticado em espaços menores e as quadras de tênis na capital paulista são mais restritas e caras. Ele gostou tanto do jogo que montou um grupo no seu condomínio, na Chácara Santo Antônio. “No meu prédio, tem uma quadrinha de futebol que ninguém usava, porque é muito pequena para qualquer esporte, mas cabia uma quadra de badminton. Então, eu criei um grupo de badminton lá e 20 pessoas começaram a jogar a partir da iniciativa”, conta o líder do grupo, que inclui pessoas de várias idades, mas principalmente jovens.

Assim como essas crianças e adolescentes, Nicholas, 11, também pratica badminton. Ele deu as primeiras raquetadas em 2004, mas realmente começou a jogar competitivamente em 2007. Por sugestão de um conhecido, fez seis meses de aula no SESC Santo André e, até hoje, continua no esporte. O menino disputava de igual para igual com os adultos no Festival de Badminton, realizado no SESC Vila Mariana, durante a Virada Esportiva 2010.

Nicholas disse que o especial no badminton é o fato de se realizar “muitos movimentos e, com isso, transpirar mais rápido que nos outros esportes”. Hugo também acredita que o jogo permite você fazer exercício rapidamente e, assim, “desestressar, esquecer de tudo”. Segundo o professor de Educação Física, Renato Carvalheiro, “além de tudo, o badminton traz uma coordenação motora fina. São movimentos bem refinados que a criança tem que fazer para acertar a peteca”.

Por esse e outros motivos, o pai de Nicholas, Wagner, 52, é um dos maiores incentivadores da prática esportiva entre seus filhos. Exceto o futebol, que Nicholas não é muito fã, o menino adora esporte. Já praticou karatê, judô, ginástica olímpica, arvorismo e skate, e, hoje, faz aulas de natação no SESC, onde tem conseguido boas marcas. Para Wagner, o maior benefício de tudo isso foi a melhora da concentração do filho na escola, assim, que ele começou a fazer esportes.

Tanto o professor Renato quanto o Dr. Rogério Voser acreditam que o incentivo da prática esportiva desde a infância é importante para que a criança crie um vínculo e torne isso em um estilo de vida seguido também na fase adulta. Mas o Dr. Rogério faz um alerta importante aos pais. “Deve ser considerado o ambiente onde seu filho está praticando o esporte; a formação, a ética e a metodologia do professor; e também a participação dos pais com apoio, não com cobranças, como se o seu filho fosse um atleta em miniatura”.



Badminton

História

O esporte nasceu na Índia, com o nome de “Poona”. Os oficiais ingleses gostaram do jogo e o levaram para a Inglaterra, onde, na década de 1870, ganhou o nome atual. Isso porque uma nova versão do jogo era praticada na propriedade de Badminton, que pertencia ao Duque de Beaufort's, em Gloucestershire.

O jogo

Jogado individualmente ou em duplas, tem por objetivo rebater uma espécie de peteca para que ela passe por cima da rede e caia no campo adversário, marcando, assim, o ponto. São três games, que variam na quantidade de pontos, dependendo da categoria.

Curiosidades

- É o mais rápido dos esportes com raquetes, pois a peteca pode alcançar os 350 km/h;
- É extremamente popular na Ásia, a exemplo da China, Tailândia, Índia, Japão, etc;
- Os brasileiros Guilherme Kumasaka e Guilherme Pardo conquistaram a primeira medalha pan-americana (3º lugar) do país no Pan de 2007, no Rio de Janeiro.

Onde jogar

- Centro Paulista de Badminton - Jardim das Acácias
- CEPEUSP - Cidade Universitária
- Clubes Pinheiros, Paulistano, Hebraica, etc
- SESCs Vila Mariana, Pinheiros, Pompéia e Santana



Base 4

O jogo

Versão simplificada do baseball, em que são determinadas quatro bases formando um quadrado, além de outra base, na frente delas, reservada ao arremessador. As duas equipes se alternam na defesa e no ataque. O objetivo é rebater a bola o mais longe possível para percorrer o maior número de bases, até que o time adversário devolva a bola ao arremessador. Completando as quatro bases, o jogador conquista um ponto.

Curiosidades

- É possível adaptar o jogo se não houver o taco ou a bola de baseball. Entre as variações, pode se utilizar tacos rudimentares de madeira para rebater bolas de vôlei ou misturar com o futebol (em vez de rebater, chuta-se a bola).